



ípsilon

Ainda estamos a descobrir John Coltrane

Both Directions at Once,
um álbum inédito para nos
pôr a discutir o mito

Sexta-feira | 20 Julho 2018 | publico.pt/culturaipsilon

FOTO: BILL WAGG/REDFERNS. ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº 10.317 DO PÚBLICO, E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



A possibilidade do espaço ser de qualquer um constitui uma importante utopia política

Continuam

As noites são mais belas que os dias

As ideias de liberdade, de encontro e de expressão desinibida que a noite proporciona, potencia e provoca. *Nuno Crespo*

O ontem morreu hoje, o hoje morre amanhã

Com Pedro Abrantes, João Alves, João Alves Marrucho, Marta Ângela, Mauro Cerqueira, Jürgen Drescher & Reinhard Mucha, Tomé Duarte, Carla Filipe, Dayana Lucas, Raymond Pettibon, Oscar Powell & Wolfgang Tillmans, Rudolfo, Diogo Tudela, von Calhau!
Curadoria: Carla Filipe e Ulrich Looek



Porto. Galeria Municipal. Rua D. Manuel II (Jardins do Palácio de Cristal). Até 19 de Setembro. Ter. a Sáb. das 10h às 18h; Dom. das 14h às 18h. Encerra à seg. e fer. Entrada livre

Que as noites podem ser mais belas que os dias tem sido um mote comum para uma geração que num certo momento encontra na vivência da noite, da música, da dança, e dos encontros por ela proporcionados uma forma de contra-cultura. Desta forma a noite não é sinónimo de alienação ou do esquecimento de si através da diversão, mas lugar de formação de uma consciência do mundo e do lugar que nele se

ocupa. E a noite também não é aqui unicamente o lugar onde metaforicamente a ausência do sol se faz sentir – o que marcou de modo tão intenso alguma arte minimal –, mas o lugar onde a luz é feita dos gestos que procuram a sua singularidade e expressão.

Esta exposição começou com convite à artista Carla Filipe (Porto, 1973) para mostrar o modo como a noite no Porto foi propícia ao encontro e desenvolvimento de formas de arte e de projectos artísticos. Ou seja, a maneira como o contexto informal da noite é propício a manifestações artísticas. Não se trata só de encontrar nas luzes, nos movimentos e nas cores motivos de inspiração para a construção de obras plásticas. A noite é uma oportunidade de formação de uma comunidade informal que é tornada possível através da vivência em grupo da música, da imagem e do movimento não intencional da dança. E é este encontro que Carla Filipe tomou em mãos como motivo para a exposição. Que não é tanto sobre a noite do Porto num determinado tempo histórico e os artistas que se encontravam num bar, mas sobre a noite enquanto estado mental, processo de abstracção e, afirma a artista, sobre a “abertura mental e física proporcionado pela música.”

Esta teia constitui o mote para juntar artistas para quem o universo da música e da vivência da música num clube nocturno é motivo continuo de inspiração. E Carla Filipe é um *pivot* porque a sua presença dupla - artista e curadora - é o elemento provocador das uniões e diálogos

que a exposição permite. Não só encontramos no seu trabalho referência às suas presenças em bares icónicos do Porto como o Passos Manuel através de dj's set, projecções video, realização de cartazes, entre outros, mas a sua prática é formadora de comunidades. É este espírito e forma de viver/entender a prática artística que permitiu desenvolver diálogos entre artistas com geografias e estéticas diferenciadas aqui transformados em experiência comum.

A montagem da exposição - que teve de lidar com presenças distintas: vídeos de Wolfgang Tillmans ou Tomé Duarte; uma escultura sonora de Diogo Tudela; desenhos de Mauro Cerqueira e Ryamond Pettibon... - é um dispositivo muito bem sucedido na construção da tal experiência comum de obras com densidades, expressões e materialidades potencialmente conflituosas. A montagem em muitos momentos destrói as convenções habituais da apresentação de trabalhos das ditas artes visuais e usa o espaço como estrutura informal e de intervenção que não só acolhe imagens desenhadas, penduradas ou projectadas nas paredes, como se assume também como lugar de intervenção onde qualquer sujeito pode agir. E esta possibilidade do espaço ser de qualquer um constitui uma importante utopia política que é ensaiada nesta exposição.

São as ideias de liberdade, encontro e expressão desinibida que a noite proporciona, potencia e provoca, que formam o ponto de coincidência entre política e poética a que esta comunidade temporária e informal de artistas dá corpo e expressão.

Opinião

Paulo Martins Barata

O País dos Arquitectos (Lado B)

Por momentos, a edição do PÚBLICO sobre a Representação Portuguesa na Bienal de Veneza fez-nos acreditar que, com o mundo a seus pés, Portugal era o nirvana da arquitectura. Lamentavelmente, e fora desta estimulante cápsula cultural, a prática disciplinar do Portugal “pós-austeridade” insiste em expor-nos a uma realidade inteiramente diferente. Um mundo dominado por pequenos egos e vaidades, progressivamente desprovido de ética e em que a redenção dos protagonistas assenta por vezes em formas de exploração do trabalho que dificilmente encontram paralelo noutros serviços. Perante isto, e coincidente com a recente promulgação de um abusivo e infeliz diploma que permite à engenharia assinar pela arquitectura, a profissão no “País dos Arquitectos” pode estar estilhaçada de forma irreversível. Não sei se alguma área da sociologia se dedica ao estudo da disfunção das profissões quando atingem a falência ética, mas este é certamente um caso a merecer a atenção dos observatórios.

A base do problema assenta desde logo na destruição do valor do trabalho pelos próprios arquitectos, no culminar de décadas de guerras de honorários. Nos anos 90, funcionava ainda a famosa Tabela de Honorários do M.O.P. (Ministério das Obras Públicas) para arquitectos e engenheiros, entendia-se um desconto 20% como ofensivo para a classe projectista. Na década seguinte passou a ser habitual. Hoje, os arquitectos (premiados ou não) fazem descontos de 60 a 80%. A juntar-se a isto, cada governo foi acrescentando ao projecto uma panóplia de pequenos requisitos burocráticos, muitos deles inúteis e onerosos, sempre a subtrair aos honorários-base, e que vão desde fichas de habitação, a certificações energéticas, a planos de segurança em obra. A esta sangria, soma-se ainda a inevitabilidade do mercado exigir em breve e por norma que o projecto seja integralmente em BIM (3D).

Hoje, é quixotesco um jovem arquitecto aspirar a constituir família, ter casa própria e o conforto razoável de um normal quadro profissional na nossa sociedade. O excesso de oferta e a desregulação pura e simplesmente não o permite. Imagine-se que este “País dos Arquitectos” era uma espécie de “Aldeia dos Estrumpfes” em que os restaurantes eram todos de 2 ou 3 estrelas do Michelin, mas cobravam preços de taberna. Os clientes e a crítica estavam delirantes com a magia deste estranho fenómeno geográfico e as recensões culinárias inundavam a imprensa internacional. Mas as portas de serviço destes restaurantes eram desumanas e tristes, já que o encanto e o prestígio da profissão ficavam exclusivamente com os chefs. Os empregados, exaustos e indiferentes aos prémios, estavam condenados em perpetuidade a remar o barco por 800 Euros ao mês. Para acelerar a falência deste ciclo, os escassos ‘jovens turcos’ que conseguiam escapar a esta fatalidade e abrir o seu próprio espaço, ofereciam preços ainda mais baixos, pagando ainda menos à sua mão-de-obra, para uma qualidade em muito equivalente à dos seus mestres. Sem prejuízo dos contornos Dickensianos deste meu excursão literário, até nos investidores internacionais constato um fenómeno perverso. Chegados a Portugal com disponibilidade para pagar honorários europeus, quando confrontados com a concorrência autofágica dos indígenas, rapidamente se nivelam pela bitola dos Estrumpfes.

Este estado da arquitectura (e das engenharias) só pode ser invertido quando se reinscrever na lei e se promover nas práticas pública e privada uma tabela razoável que seja fiscalizada pelas respectivas ordens profissionais, tal como a que a Alemanha – país da técnica – impôs e mantém, mesmo indo contra as directivas comunitárias, argumentando (e bem) com a defesa do interesse público. Esta sim, é uma guerra que deveria unir arquitectos e engenheiros. Entre o limiar da pobreza e a emigração forçada, não sei quanto tempo mais os projectistas conseguirão continuar a oferecer este serviço gourmet em saldos. Creio por isso que seria um dever geracional das ordens profissionais exigirem aos governos e à CE a reposição da dignidade da profissão de projectista, tal como existe nas economias mais competitivas da OCDE e nos próprios EUA.

É certo que nem tudo são más notícias e, ainda que pontuais, recentes variantes à prática vigente dão-nos motivos de esperança. Nos últimos dois anos, assistimos em Portugal a alguns concursos de promotores internacionais, com prémios razoáveis e honorários pré-definidos, nalguns casos com júris internacionais e actas divulgadas a todos os concorrentes, como é também prática no norte da Europa.

O Leão de Ouro de Eduardo Souto de Moura não só é magnífico, como inteiramente merecido. Mas neste momento seria fundamental reorientar uma parte substancial do discurso da arquitectura e das engenharias para a dignificação da prática do projecto, por forma a garantir a excelência a que a nossa sociedade, como um todo, deve exigir para a cidade e para a paisagem.